

A POLÍTICA-ESPETÁCULO: O JOGO TEATRAL NO EPISÓDIO “AS CUSPARADAS” ENVOLVENDO JEAN WYLLYS E JAIR BOLSONARO

Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹

RESUMO

O presente ensaio busca discutir o acontecimento “as cusparadas”, envolvendo os parlamentares Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Jair Bolsonaro (PSC-RJ), ocorrido durante a votação do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados, em 19 de abril de 2016. Tomando por base o episódio, apresentaremos o espetáculo como sucedâneo do debate político. Nesse sentido, a análise evidenciou como a singularização e a simplificação da informação centrada no escândalo envolvendo os dois deputados desloca a arena de discussão política para uma zona figurativa de “atuação” e espetáculo. Os meandros dessas questões serão discutidos sob a égide do pensamento de autores como Pierre Bourdieu, Eric Landowski e Mar de Fontcuberta. Os pontos problematizados no texto serão tensionados a partir de matérias divulgadas nos portais *Folha*, *O Globo*, *Época Negócios*, *UOL* e *Zero Hora*.

Palavras-chave: Espetáculo; Jornalismo; Jair Bolsonaro; Jean Wyllys.

ABSTRACT

This essay discusses the event “as cusparadas”, involving parliamentarians Jean Wyllys (PSOL-RJ) and Jair Bolsonaro (PSC-RJ), during the impeachment process of President Dilma Rousseff in the Chamber of Parliament, in April 19, 2016. Based on the episode, we will present the show as a substitute for the political debate. In this sense, the analysis showed how the singularization and simplification of the information centered on the scandal involving the two congressmen moves the arena of political discussion to a figurative zone of “performance” and spectacle. These questions will be discussed under the aegis of the thinking of authors such as Pierre Bourdieu, Eric Landowski and Mar de Fontcuberta. The points discussed in the text will be tensioned from materials published in the portals *Folha*, *O Globo*, *Época Negócios*, *UOL* and *Zero Hora*.

Keywords: Entertainment; Journalism; Jair Bolsonaro; Jean Wyllys.

Eric Landowski afirma que para tornamos o mundo inteligível, nós o “teatralizamos” a todo o momento, numa posição semelhante à do público ante uma cena de comédia. A política é percebida, a partir dessa premissa, como *sistema de relações* e como *encenação*. As *relações* configuram zonas intersubjetivas – abrigo representados e representantes e a *encenação* articula em narrativa a intriga dos atores sociais num intrincado jogo de simulacros, visibilidades e atenções.

A política-espetáculo presentificada por governantes e governados pressupõe – como lembra Landowski – a figuração estética de um jogo teatral cotidiano. Na política,

¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

cada governante dar a ver teatralmente ao público a encenação dramática de uma representação jurídica.

O par antitético Jean Wyllys e Jair Bolsonaro é sintomático de uma postura que permeia a discussão política nos veículos de comunicação. A complexidade do contexto histórico-social é simplificada pelo campo jornalístico – reduzindo-o aos jogos de imagem e de cena. No caso específico das notícias envolvendo os dois deputados, o que se observa é o apagamento da discussão política em detrimento da *performance* de parte a parte.

Compreende-se que o campo jornalístico é clivado por práticas sociotécnicas, por linguagens e por tecnologias midiáticas. Nesse sentido, a ambiência da midiatização instaura um intrincado processo de interação. Esse terreno é atravessado por dinâmicas de disputa que transformam o tecido social, os meios de comunicação tradicionais e a prática jornalística.

Toma-se Gomes (2006) para se pensar os processos midiáticos² como arena de significação e de inteligibilidade sócio-cultural, tendo-se a “mídia como chave hermenêutica de sua compreensão e discussão” (GOMES, 2006, p. 20). Sob essa perspectiva, quando se analisa o acontecimento “as cusparadas”, envolvendo os parlamentares Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Jair Bolsonaro (PSC-RJ), percebe-se que o jornalismo se estrutura como *locus* para se compreender as dinâmicas sociais e culturais que se estabelecem nos meandros dos processos midiáticos. Assim, pode-se entender o jornalismo como um processo heurístico dos inter-relacionamentos sociais e humanos.

O jornalismo flutua – apropriando-se aqui de Luhmann (2005) – de uma “construção da realidade” para uma “realidade da construção”. No século XIX e em boa parte do século XX, a figura do repórter que se encarrega de investigar, tomar notas, documentar, conversar com pessoas, observar e “traduzir” as informações em fatos, notícias e reportagens se configura como cânone do bom jornalismo.

Sob a insígnia dos pressupostos de apuração, precisão e objetividade, o jornalismo adquire algumas convicções: a de que é possível ter acesso direto aos contornos do real pulsante e conferir-lhe um matiz de autenticidade; a de que se pode

² Para Gomes (2006), os processos midiáticos são entendidos como conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam, segundo diferentes linguagens, através de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia, publicidade, revista, produção editorial, produção eletrônica, comunicação organizacional, vídeo e outros processos emergentes.

captar a realidade cotidiana, depurando-a de suas contradições e, por fim, a de que cabe ao jornalismo ser o transmissor da realidade dos acontecimentos. Essa premissa aponta para uma “construção da realidade”, isto é, para uma totalidade vivenciada por meio da mídia, em que as gramáticas, os estilos de vida e as ideologias são objetivadas.

No episódio “as cusparadas”, por exemplo, a realidade é engendrada como moral. Luhmann (2005) salienta que os meios de comunicação realizam simplesmente uma “contínua autoirritação da sociedade, uma reprodução da sensibilidade moral, tanto no plano individual como no comunicativo” (2005, p. 63). Essa rotina implica no delineamento da cena dos acontecimentos, isto é, numa construção da realidade. Luhmann destaca que se instaura um tipo de “*disembedding* da moral” – em que a moral é apartada de seu quadro social, descontextualizada e funcionando de maneira muito formal.

Pode-se supor que a insistência ostensiva na moral opere junto com o processo da codificação informação/não informação ou com a apresentação unilateral de formas, cujo outro lado, mesmo que pressuposto, não é apresentado, quer dizer, com o silenciamento da normalidade tranquila, com o paradoxo do outro incluído no sentido, mas incluído como excluído. A moral não é necessária nas relações normais, ela é sempre um sintoma do surgimento de patologias. Em vez de se orientar às coisas óbvias, a comunicação escolhe a forma da moral como algo que é ao mesmo tempo fato e não fato, como algo que continuamente precisa ser lembrado, como algo que falta e por isso não pode ser agregado nem interna nem externamente. (LUHMANN, 2005, p. 133)

Por outro lado, como aponta Luhmann (2005), a “realidade da construção” implica em um deslocamento epistemológico em que os processos de co-enunciação, autorreferencialidade e atorização emergem como constructos narrativos e como explicitação dos processos:

A ideia de realidade assegura, pela sua própria ambivalência, a autopoiese das operações cognitivas. Pode trata-se de uma ilusão ou do “princípio de realidade” (...) o importante é que o sistema, em suas operações cognitivas, é forçado não o tempo todo, mas apenas em caráter excepcional, a se decidir entre um meio externo, como ele de fato é, e o meio externo, como ele o vê. (LUHMANN, 2005, p. 151)

Percebe-se, portanto, no caso envolvendo Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Jair Bolsonaro (PSC-RJ), a autorreferencialidade como um processo de enunciação de um inventário lexical e de mundo. A construção narrativa traz para o primeiro plano os parlamentares como também a figura do repórter – que vagueia nos interditos do texto – como o articulador metonímico da prática jornalística.

No momento em que o jornalismo opta pelo tom simplificador ao reportar a um conjunto múltiplo de informações, isso termina por engendrar um processo de despolitização. A necessidade constante por imagens ou escândalos (espetáculos) destitui da notícia o seu aspecto reflexivo e contestador. A atualidade fica reduzida a uma “rapsódia de acontecimentos divertidos”. Essa presentificação contínua de imagens e espetáculos acaba por suprimir o tempo do discurso político e o tempo de recepção.

Disso resulta que o jornalismo assentado sob a premissa dos paradigmas de neutralidade, imparcialidade e objetividade não consegue apreender a dinâmica que perpassa o contexto social e age por simplificação. Mar de Fontcuberta (2006) destaca que o jornal vive no momento atual sob o império dos princípios da disjunção, redução e abstração—que em conjunto constituem o que se denomina como “paradigma da simplificação”. A autora explica que a forma “atomizada” de reportar aos contextos sociais implica em uma barreira para se compreender a realidade.

Fontcuberta entende que a informação deve ser o mais crível possível e suficientemente completa para permitir a compreensão real da atualidade. Deve-se levar em consideração que a compreensão das notícias exige a inserção de um contexto, a explicação de suas causas e uma pergunta que explicita as suas consequências. Nesse sentido, a autora aponta que há a necessidade da passagem de um pensamento simplificador para uma perspectiva complexa de desvelamento da realidade social. Sob essa perspectiva, o exercício crítico da prática jornalística desempenha um papel importante na problematização do fato e da articulação da notícia com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Insere, pois, efetivamente, a notícia como elemento de inteligibilidade do contexto social e de compreensão dos sujeitos que compõem a arena discursiva e histórica.

Ao discutir os conceitos de sociedade complexa, Fontcuberta recorre a Edgar Morin (1997). O sociólogo francês explica que a complexidade se constitui como uma “palavra-problema” e não como uma “palavra-solução”. Para Morin, a separação do

conhecimento se viu agravada pela redução do complexo ao simples e por uma hiperespecialização que fragmenta o tecido social. Fontcuberta acrescenta que o pensamento simplificador não é capaz de conceber o singular e a realidade múltipla. Chega-se, nesse sentido ao que se denomina de inteligência cega, “que destruye los conjuntos y las totalidades, y aísla a todos sus objetos de sus ambientes. Morin considera que ello produce una patología contemporánea de pensamiento” (FONTCUBERTA, 2006, p. 10).

Verifica-se no episódio “as cusparadas” envolvendo Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Jair Bolsonaro (PSC-RJ) dois movimentos: o primeiro de disjunção e o segundo de redução. Os termos dialogam com o conceito de cultura mosaico proposto por Abraham Moles—quando o autor se refere aos meios de comunicação como fragmentários, atomizados e expostos sem nenhuma hierarquização.

Segundo Fontcuberta, Moles define esses conceitos como “átomos de cultura” e os apresenta como impedimento para compreender a dinâmica da realidade social e suas complexidades. Precisamente, no caso, protagonizado por Wyllys e Bolsonaro, constata-se que o universo de sentidos engendrados pelo acontecimento circunscreve os dois “personagens” meramente como par antitético e como teatralização de opostos, subsumindo-os como meros espetáculos de imagens.

Segundo Bourdieu, o campo jornalístico institui a política da simplificação demagógica com o intuito de projetar uma imagem do público e da audiência. Nesse sentido, algumas características apontadas pelo autor francês podem ser notadas nas matérias aqui discutidas. Por exemplo, nas notícias da *Folha*, *O Globo*, *Época Negócios*, *UOL* e *Zero Hora*, os jornalistas optam por dar destaque à disputa envolvendo os parlamentares em lugar do debate de ideias, privilegiam a polêmica em lugar da dialética e preferem destacar o enfrentamento entre os sujeitos em detrimento do embate de seus argumentos. Esvazia-se a arena de discussão e a cena política; pondo em seu lugar o jogo de imagens e de sensações.

As matérias aqui em diálogo apresentam um tom evanescente, privilegiando mais as imagens espetaculares—as cusparadas, as discussões entre os deputados—do que o sentido ou o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Elide-se o debate político e instaura-se a discussão entre indivíduos, seus feitos e malfeitos, figurando um cenário de denúncia e acusação.

Constata-se, nesse sentido, que o campo jornalístico opta cada vez mais pela figura do animador-comediante em detrimento do editorialista e do repórter-investigador. As informações, as análises, a entrevista em profundidade e a reportagem emergem como constructo para a diversão. Sob essa perspectiva, o campo jornalístico funciona como elemento vicário (espetáculo) do dito debate “sério” e aprofundado das problemáticas que atravessam e matizam a realidade social.

O debate político, segundo as observações elencadas, aparece como espaço dramaturgico, no qual os “atores” procuram tornar visível, reconhecível e “amável” perante seu público a apresentação de si. Jean Wyllys e Jair Bolsonaro encenam três atos. O primeiro é fazer-se ver em *cena*. Os parlamentares cumprem o papel funcional inscrito no interior de uma trama narrativa e de uma atividade institucionalmente condicionada e de antemão definida. O segundo ato representa a intervenção no espaço da *sala*. Aqui, os “intérpretes” surgem como cúmplices de uma interação que se mostra propensa para ser vivida em união estreita com a presença do outro contrastante. A última cena pressupõe um *mostrar-se para a cidade*. Nesse momento, Bolsonaro e Wyllys emergem como individualidade inclinada a revelar diante da mais ampla audiência a “autenticidade” de sua pessoa por trás da “máscara” política.

A partir de Bourdieu, constata-se que o bailado de representações articulado pelo jornalismo tende a enxergar a política mais pela intimidade dos contatos e das confidências do que pela investigação. Disso resulta que o jornalismo interessa-se mais pelo “jogo e pelos jogadores do que por aquilo que está em jogo” (BOURDIEU, 1998, p. 96).

Apreende-se que a prática jornalística centrada na configuração econômica e política deve buscar a enunciação de um discurso e de uma narração que problematize e complexifique as distintas realidades que compõem o contexto social. Dessa forma, o jornalismo pode ir além das meras tessituras dualistas, permitindo-se lançar um olhar heurístico sobre os fatos que compõem a realidade histórica e social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Sobre a televisão.** Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Após voto, Jean Wyllys cospe em direção do deputado Jair Bolsonaro.** Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/04/apos-voto-jean-wyllys-cospe-em-direcao-do-deputado-jair-bolsonaro.html>>. Disponível em: 16 jul. 2016.

FOLHA. **Jean Wyllys e Bolsonaro trocam insultos e cusparadas em sessão.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762146-jean-wyllys-e-bolsonaro-trocam-insultos-e-cusparadas-em-sessao.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico en una sociedad compleja. In: BORRAT, Héctor; FONTCUBERTA, Mar de (Orgs). **Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción.** Buenos Aires: La Crujía, 2006.

GOMES, Pedro G. Mídia e Sociedade. In: **Filosofia e Ética da Comunicação na Mdiatização da Sociedade.** São Leopoldo: Unisinos, 2006. (p. 25-55).

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro.** Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LUHMANN, Nicklas. A construção da realidade. In: **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. A realidade da construção. In: **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005. (p. 129-154).

MORIN, Edgar. **Introducción al pensamiento complejo.** Barcelona: Gedisa, 1997.

O GLOBO. **Jean Wyllys admite que cuspiu ‘na cara’ de Bolsonaro.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/jean-wyllys-admite-que-cuspiu-na-cara-de-bolsonaro-19110700>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

UOL. **Jean Wyllys cospe em Bolsonaro e diz que faria de novo.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/17/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-faria-de-novo.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

ZERO HORA (ZH). **Jean Wyllys cospe em direção a Bolsonaro durante votação.** Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/video-jean-wyllys-cospe-em-direcao-a-bolsonaro-durante-votacao-5780400.html>>. Acesso em: 16 jul. 2016.